

FORMAÇÃO DO PROFESSOR INDÍGENA TREMEMBÉ: SEUS EFEITOS NOS CURSOS MITS E CUIAMBA NA UFC E UVA.

Aline Pinto Medeiros Oliveira ¹

RESUMO

O Povo Indígena Tremembé está situado no município de Itarema no Ceará. A Universidade Federal do Ceará-UFC criou um curso de nível superior para Indígenas o MITS, e logo após com a Universidade Estadual Vale do Acaraú-UVA criou o curso Cuiamba. Por isso, o estudo justifica-se pela necessidade do aprofundamento sobre o processo de formação do professor indígena em vista da sua organização curricular ser a mais próxima possível de sua realidade cultural. Este estudo tem por objetivo: analisar o processo de formação do professor indígena Tremembé junto ao curso Cuiamba, seu processo organizacional, suas perspectivas de formação continuada e inserção no mercado de trabalho em contribuição com uma ecologia de saberes e mais visibilidade social. A metodologia é de cunho qualitativa, pois trabalha com o universo dos significados, motivos, aspirações, crenças, valores e das atitudes. A metodologia é também bibliográfica em vista a pesquisar autores bem específicos no assunto como: (Boaventura Santos 2008) e (Freire 1996) que tratam sobre a importância da Extensão Universitária na aproximação dos setores populares com os saberes técnico-científicos e a formação continuada com (Grupione 2006). Portanto, este estudo é importante em vista de que propõe a Universidade Uva uma reflexão sobre o processo de formação do professor indígena, bem como maior reconhecimento desse coletivo dando-os mais visibilidade universitária e sobretudo social na luta destes pelo reconhecimento e inserção no mercado de trabalho, o que deve dispor desta interculturalidade, maior inovação pedagógica numa articulação indissociável entre ensino, pesquisa e extensão.

Palavras-chave: Formação do professor indígena. Efeitos. MITS. CUIAMBA.

1INTRODUÇÃO

As políticas de Educação Indígena Superior têm sido asseguradas por muitas Universidades Federais e Estaduais como a Universidade Federal do Ceará-UFC e Universidade Estadual Vale do Acaraú-UVA nas quais se vai falar no correr do texto suas políticas de reconhecimento e valorização desses povos.

Situacionando um pouco sobre o povo indígena Tremembé estão localizados no distrito de Almofala em Itarema, compreende uma região conhecida por Córrego do João Pereira, que envolve o Capim-açu, São José e Telhas chamado por (Chaves 1973) de “Grande Almofala”, área que a FUNAI já regularizou. Estão situados não somente no Ceará, mas também em parte do Maranhão. O aldeamento Tremembé de Itarema é o mais conhecido aldeamento indígena do Ceará. Em aproximadamente 1857 foram doadas terras para o povoamento dos índios da região.

¹ Graduada em Letras e Pedagogia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú-UVA-CE e Faculdade Gremário Dantas RJ. Doutora e Mestre pela Universidad San Lorenzo PY, alinepmedeiros2011@hotmail.com;



As lutas pela demarcação de terras têm tido muitos dissabores principalmente com os latifundiários bem como com os donos de empresas como a Ducôco, e as empresas de Energia Eólica, por exemplo, tem cada vez mais tomado espaço territorial que de direito pertence ao povo Tremembé, luta essa que já afastou vários moradores indígenas da região, abandonando seus lares. Em pesquisas de outros estudiosos constatou-se que não somente as terras destes índios foram se perdendo ao longo do tempo como também seu dialeto, já perdendo um pouco de sua identidade. Mas, constatou-se que um dos rituais ainda continua vivo na história da cultura dos Tremembé como é o caso do Torém, por exemplo, dança típica indígena Tremembé a qual é usada bebida típica o Mocaroró ao acompanhamento de instrumentos musicais (OLIVEIRA, 1998).

Em 1980 os índios e seus descendentes passaram a reivindicar o reconhecimento oficial de sua identidade étnica, mas apenas em 2003 o local chamado Córrego do João Pereira foi a primeira terra indígena no Estado do Ceará a ser homologada.

Em conquista histórica o povo indígena Tremembé excluídos e sem visibilidade da sociedade e desta feita da “Universidade” ganharam oportunidade de estudar e cursar nível superior, pelo curso de Educação Superior para os indígenas o MITS criado pela Universidade Federal do Ceará. Logo em abril de 2013 a primeira turma se formou, conforme notícia do site: G1- Ceará em 2003. Em continuidade a ligação da Cultura Indígena Tremembé com o Ensino Superior não estagnou. O povo indígena ainda continuou seus estudos voltados totalmente para sua cultura e costumes. O conhecimento acadêmico da Universidade Estadual Vale do Acaraú-UVA junto ao Povo Tremembé criou-se o Curso intercultural indígena Cuiamba.

Os indígenas Tremembé têm currículo próprio ao qual respeita sua etnia, costumes, e principalmente a sequência didática e disciplinar que lhe cabe no momento da execução de seu currículo e suas vivências com a natureza. Com a Universidade Estadual Vale do Acaraú existe um relacionamento de partilha de conhecimentos, as disciplinas ministradas pelos indígenas propriamente repassam seus saberes no fortalecimento de sua cultura, é o que Boaventura (Santos, 2007) chama de extensão invertida, as determinações e aprendizagens partem de fora para dentro da Universidade que rompe barreiras epistemológicas.

Esse grupo de indígenas que cursa nível superior pela Universidade Estadual Vale do Acaraú-UVA está ligado à Universidade UVA pelo Programa Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (PARFOR), este é uma ação da CAPES que visa induzir e fomentar a oferta de educação superior, gratuita e de qualidade. As disciplinas do PARFOR são distribuídas em aulas por toda a comunidade indígena, para que assim os alunos indígenas



situados em todas as localidades de Itarema possam participar das aulas e fazer parte de todas as atividades.

Sabendo que os cursos MITS e o CUIAMBA provenientes da UFC e UVA para a comunidade indígena já trouxeram formação inicialmente para a comunidade indígena Tremembé, se faz necessário uma maior investigação no que aponta para a formação do professor indígena, pois a Universidade ainda precisa fazer muito nesta perspectiva, para que a escola diferenciada possa conduzir a uma formação realmente capaz de quebrar paradigmas no enfrentamento desses profissionais com os diversos desafios que a profissionalidade docente traz dentro do seu habitat e principalmente fora dele.

Por isso, este estudo justifica-se pela necessidade de uma análise mais profunda sobre a formação do professor indígena, principalmente em vista da organização do seu currículo que ainda precisa de aperfeiçoamentos, para ser o mais próximo possível de sua realidade cultural. Em vista que hoje os povos indígenas têm poucas perspectivas de formação continuada e inserção no mercado de trabalho.

Assim, o objetivo deste estudo é: analisar o processo de formação do professor indígena Tremembé junto ao curso Cuiamba da Universidade Estadual Vale do Acaraú a UVA e suas perspectivas de formação continuada e inserção no mercado de trabalho em contribuição com uma ecologia de saberes e mais visibilidade social. Como objetivos específicos têm-se os seguintes: a) Tratar sobre o processo da formação do professor indígena através da fundamentação teórica b) Conhecer a Organização do MITS (Magistério Indígena Tremembé Superior) e seus efeitos na formação do Professor indígena Tremembé pela UFC; c) Perceber como ocorre a formação do professor Indígena Tremembé pelo Programa de Formação de Professores o PARFOR. Portanto, observa-se a seguinte inquietação: Quais os limites e perspectivas na formação do professor indígena Tremembé? Tendo-se então a hipótese de que esta formação pode ser ou não uma formação satisfatória, mas que se vai descobrir ao longo do estudo.

A abordagem deste estudo é qualitativa, pois trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes, cuja intenção é adentrar no universo dos Tremembé (Geertz 1989). Este estudo é também bibliográfico pois examinou-se publicações bem específicas: (Santos, 2008) com a importância do conhecimento pluriversitário e a ecologia de saberes principalmente de fora para dentro da universidade e (Freire 1996) que trata sobre a importância da Extensão Universitária como uma possibilidade de aproximação



dos setores populares com os saberes técnico-científicos, bem como a importância da valorização da formação continuada do professor indígena com (GRUPIONE 2006).

Desta feita, o presente artigo se dividirá em três momentos principais de acordo com seus objetivos: **I) A Formação do Professor Indígena e o conhecimento pluriversitário II) A Organização do MITS e seus efeitos na formação do Professor Indígena na UFC e III) A Educação Indígena e o PARFOR na UVA.**

Portanto, este estudo é valioso em vista de que propõe especialmente a Universidade Uva, responsável hoje pelo curso de nível superior o Cuiamba pelo PARFOR, uma reflexão maior sobre o processo de formação do professor indígena, bem como maior reconhecimento desse coletivo dando-os mais visibilidade universitária, e sobretudo social, na luta destes pela inserção no mercado de trabalho, o que deve dispor dessa interculturalidade maior inovação pedagógica, numa articulação indissociável entre ensino, pesquisa e extensão.

2 METODOLOGIA

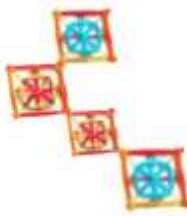
Quanto à abordagem do estudo este se caracteriza como qualitativa. Pode-se justificar a escolha por tal abordagem, concordando com (Minayo 2008, p. 21), quando ela defende a ideia de que a pesquisa com abordagem qualitativa: [...]trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes. Esse conjunto de fenômenos humanos é entendido aqui como parte da realidade social,(...).

Assim, compreende-se que não é a quantificação que validará a pesquisa, mas sim, a possibilidade de trazer à tona as concepções e práticas para que possam ser compreendidas e discutidas cuja intenção é adentrar no universo dos Tremembé (Geertz 1989).

Este estudo é também bibliográfico pois examinou-se publicações bem específicas: (Santos, 2008) com a importância do conhecimento pluriversitário e a ecologia de saberes principalmente de fora para dentro da universidade e (Freire 1996) que trata sobre a importância da Extensão Universitária como uma possibilidade de aproximação dos setores populares com os saberes técnico-científicos, bem como a importância da valorização da formação continuada do professor indígena com (GRUPIONE 2006).

Desta feita compreende-se que o processo de investigação de estudo é válido do ponto de vista científico e influente na perspectiva do conhecimento pluriversitário.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES



3.1 A Formação do Professor Indígena e o conhecimento pluriversitário

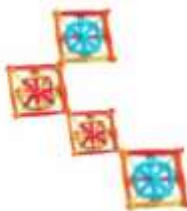
A base teórica deste estudo centra-se em (Boaventura Santos, 2008) com a importância do conhecimento pluriversitário e a ecologia de saberes, pois acredita-se que os saberes populares podem conjuntamente com os saberes universitários romper com paradigmas epistemológicos que tem ditado na maioria das vezes a forma como deve ocorrer o ensino e a pesquisa e assim o processo de formação profissional principalmente o indígena.

A importância do conhecimento pluriversitário é também reconhecido por Paulo Freire, quando ele menciona a Extensão Universitária como uma possibilidade de aproximação dos setores populares com os saberes técnico-científicos. Compreende-se que esta é uma forma de humanizar a universidade fazê-la ocorrer como um ato político, humano e cultural que torna o espaço educativo dialógico e democrático:[...] a universidade descobre e desenvolve instrumentos que a aproximam dos setores populares, tanto mediante a ação concreta de alfabetização, quanto mediante a elaboração de metodologias de interação entre o saber técnico-científico e as culturas populares (FREIRE, 1996 p. 17).

Essa participação intercultural fortalece a práxis pedagógica e oportuniza a inovação pedagógica na Universidade, em toda a sua dimensão como um processo educativo, cultural e científico que vem a articular o ensino e a pesquisa numa relação indissociável a transformar a relação entre universidade e sociedade. (CORREA, 2003).

Se faz também um tanto necessário maiores investimentos em vista dos muitos desafios que o povo indígena enfrenta também em sua vida acadêmica, pois em visita feita a comunidade indígena Tremembé no dia 03 de dezembro de 2019 pela coordenação do curso Cuiamba e seu grupo de professores, o qual eu faço parte, alguns alunos indígenas do curso Cuiamba relataram sobre as grandes dificuldades de frequentar o curso em vista da falta de recursos, isso ocorria devido à distância das comunidades para a escola, e a falta também de alimentação. Informaram também que a prefeitura local não dispõe de projeto relacionado a inserção do professor indígena no mercado de trabalho localizado no município de Itarema/CE, local onde se situa uma das escolas na qual as aulas acontecem.

É importante ressaltar que a luta indígena para reconhecimento cultural e territorial vem acontecendo desde a colonização até hoje. A luta pela demarcação de terras, visibilidade étnica e cultural nos parece ser a luta maior. Suas crenças, seus costumes, seu modo de vida, espiritualidade e misticismo concretizam-se quando este coletivo passa a ter visibilidade e protagoniza-se em meio a sociedade e a Universidade com seus conhecimentos, mas



infelizmente sua cultura ainda hoje é pouco conhecida e também pouco respeitada. Isso foi o que enfatizou (GRUPIONE, 2006 p. 40):

Remanescentes de um grande contingente populacional, cujas estimativas históricas indicam que poderia estar em torno de 6 milhões de indivíduos, quando da chegada dos primeiros europeus no século XVI, os povos indígenas contemporâneos no Brasil vivenciaram processos históricos distintos e são, ainda hoje, portadores de tradições culturais específicas, expressando uma diversidade cultural ainda pouco conhecida, reconhecida e respeitada.

Assim, a formação do professor indígena não deve ser compreendida na racionalidade técnico-científica da Universidade, como descreve o pensamento de muitos sobre o índio, segundo (GRUPIONI p.20, 2006): “Em momentos, o índio é descrito como um ser destituído de qualquer racionalidade e bom senso: um ser regido exclusivamente por instintos animais e, portanto, um ser agressivo, manhoso, não-confiável, traiçoeiro.” É este o pensamento errôneo de muitos da sociedade atual sobre os povos indígenas. A formação do professor indígena deve ser pautada num modelo emancipatório, libertador dos paradigmas pré-estabelecidos pela academia.

Importante cada pesquisador precisa refletir sobre o que (GRUPIONI, 2006 p.25) vem a informar:

Quando um professor “branco” começa a lecionar, o currículo escolar da instituição que o contratou já está pronto e em funcionamento – o máximo com o qual ele provavelmente tem que se preocupar é com a montagem do programa de sua disciplina. Mas não é assim com a imensa maioria dos professores indígenas – em geral, cabe a eles a elaboração de todo o projeto político pedagógico de suas escolas: o estabelecimento de seus objetivos educacionais, de seu calendário, de sua grade curricular, do conteúdo das disciplinas e do seu sistema de avaliação.

Enfim, o processo educacional do professor indígena é ainda muito difícil em vista de que este precisa ser compreendido e atendido em diversos campos principalmente na utilização de recursos que eles mesmos devem dizer quais, atendendo assim as suas necessidades, concorda (GRUPIONI, 2006 p.25):

Além disso, enquanto um professor não-índio tem, à sua disposição (em livrarias, em bibliotecas, em jornais, na Internet) toda uma variedade de materiais e recursos para servir de suporte pedagógico, um professor indígena não tem muito em que se apoiar para desenvolver seu trabalho: a maior parte dos materiais que lhe poderiam ser úteis ainda estão “por-fazer”. Assim, é característica marcante dos cursos de formação para o



magistério indígena o investimento feito na formação do professor-elaborador de material didático, o que implica, necessariamente, no desenvolvimento da capacidade de atuar como pesquisador em diferentes áreas de investigação.

O que se percebe é que a formação do professor indígena ainda é muito limitada que vai desde a elaboração dos conteúdos das disciplinas, até os recursos que ele tem para utilizar em sala de aula, e tudo isso precisa ser também pensado em todo seu processo de formação profissional. Assim, não é somente oportunizar ensino superior, mas também pensar na práxis pedagógica indígena e, sobretudo, seus limites, tudo isso também faz parte do fazer universitário que deve buscar soluções, e ou alternativas para que o trabalho dos mesmos seja satisfatório, prazeroso e sobretudo profissional dentro dos seus limites e perspectivas. Portanto, vê-se que as práticas extensionistas podem então estar ligadas a essa vertente. Nesse sentido segundo (Candau 2010) ele vê a extensão como um forte aliado na intenção e na protagonização de saberes juntando ao testado e infelizmente ao já monopolizado pela Universidade, fala-se de conhecimento científico.

3.2 A Organização do MITS e seus efeitos na formação do professor indígena na UFC

É preciso considerar o rompimento epistemológico na fusão de conhecimentos do coletivo indígena com os conhecimentos universitários, pois é responsável pelo conhecimento pluriversitário em contribuição a uma ecologia de saberes para que assim se possa construir um currículo mais próximo possível da realidade indígena Tremembé, foi o que inicialmente aconteceu no curso MITS organizado pela Universidade Federal do Ceará-UFC.

Pôde-se perceber que os indígenas valorizaram mais principalmente sua luta pela territorialização Tremembé, que esta vem acontecendo desde a colonização, escravidão, missões e se perpetua até os dias de hoje. A valorização, sobretudo da formação profissional desses coletivos indígenas deve ser mais visível com projetos e ou programas que possam satisfazer ou atender pelo menos em parte suas necessidades, e isso pode ocorrer por meio de uma forte aliada, a Extensão Universitária. Nesse sentido segundo Candau 2010 ele vê a extensão como um forte aliado na intenção e na protagonização de saberes juntando ao testado e infelizmente ao já monopolizado pela Universidade.

O processo de dialogicidade deve ser contínuo entre Universidade e o coletivo indígena, é o que se percebe ao falar do curso MITS:



(...) para que ao estabelecer uma interlocução com a dialogicidade freireana crie-se possibilidade de uma leitura sobre o fazer cotidiano e, assim, reavaliar seu fazer, sentir, pensar, falar. E os aportes de Paulo Freire ajudam a reconhecer esse fazer ao ler seu próprio fazer e admirar esse fazer, reconfigurando e assumindo isso como práxis. Simultaneamente, há o momento avaliativo que desvela essa prática e redefinição da práxis com o insumo da teoria dialógica de Paulo Freire. (TREMembé 2015, p. 04.)

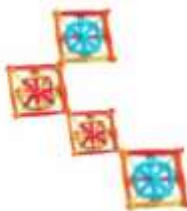
Vivenciar as práticas indígenas também é uma forma de valorização da cultura, não a ignorar, reconhecê-las como parte do patrimônio cultural da humanidade, como também sendo sua, dividi-las com outrem, percebê-la como importantes conhecimentos, torná-los valiosos à luz da ciência.

Se pelo lado do rompimento de epistemologias o curso MITS deu um importante passo, por outro lado é necessário analisar os relatos de experiências de professores indígenas com o mesmo, percebe-se que a forma de ensino estabelecida pela Universidade provocou neles confusão de valores, que o modelo estabelecido de ensino por ser colonialista eles próprios não conseguiam entender:

Começamos a identificar vários fatos do cotidiano da vida Tremembé, em contraponto com o cotidiano da sala de aula Tremembé. Naudinho diz do seu estranhamento, ao lembrar de um fato no qual trata um parceiro de bate-bola de umas horas atrás e, depois como aluno, hierarquicamente inferior, horas depois. Que coisa... diz Naudinho. A gente deixa de ser natural e espontâneo e passa a agir dentro de um *script*, diria eu..(TREMembé 2015, p. 04.)

O processo de organização da formação do professor indígena deve ocorrer plenamente dentro da sua racionalidade e realidade dialogando com seus costumes, suas crenças, seus valores, produzir neles entendimento próprio do que é bom ou ruim para sua comunidade e a forma pela qual isso é feito. Esse pensamento de decolonizar paradigmas é ressaltado por (Walsh, 2012), numa aposta pedagógica humanizadora-decolonizadora para que assim haja revolução social. Nesse sentido a autora faz menção as ideias de Freire e Fanon:

Enquanto para Freire o ponto de partida era o pedagógico, para Fanon era o problema colonial: descrever e narrar a situação da colonização e promover e revelar a luta anti e descolonial. Se considerarmos como seus trabalhos dão um sentido prático e concreto às lutas de descolonização, libertação e humanização, mas também como eles posicionam o compromisso da sociogenia, seu gênio pedagógico é evidenciado. Da mesma forma, apresentando a descolonização não apenas como um problema político, mas como um processo de



populações aprendendo a ser "homens" e como uma prática de intervenção que implica a criação de novos "homens". Fanon fornece a espinha dorsal do pensamento pedagógico, tanto na humanização quanto na descolonização como pólos de existência de vida. Para Fanon, a humanização é o eixo central do processo de descolonização, decolonização e, portanto, liberação. (WALSH 2012, p.42,).

O rompimento de fronteiras epistêmicas se faz crucial no enfraquecimento desse modelo colonial de aquisição de conhecimento até então imposto nas escolas indígenas, prova-se em depoimento que o reconhecimento cultural é feito e até mesmo mais valorizado, mas a forma com a qual é feita, pelo relato acima parece que pouco faz sentido nas escolas indígenas. Mas, é fato de que o ensino superior, em particular o MITS produziu também nos indígenas reflexão na luta pela terra, na valorização de saberes:

E dizem que, para esse grupo dos que fizeram o MITS, existe uma percepção diferente dos demais em relação a esses parceiros, 'as lideranças' mais antigas. Houve o reconhecimento da importância dos saberes que os mais antigos portavam. Houve a valorização desses saberes que podemos intitular de Saberes Tradicionais Tremembé. O MITS gerou a curiosidade pelas coisas dos Tremembé e um amor maior pela luta, pela causa, associada com a convivência mais próxima com as lideranças, com os troncos velhos...(TREMembé 2015, p. 05,)

Enfim, ressalta-se que o MITS trouxe sim rompimento de epistemologia de saberes, mas indaga-se será que a forma pela qual o curso foi conduzido mudou a vida dessas pessoas principalmente no que tange ao seu fazer pedagógico?.

3.3 A Educação Indígena e o PARFOR na UVA

Ao ressaltar sobre a Universidade Estadual Vale do Acaraú a Uva, esta tem dado continuidade ao processo de formação de professores dentro dos coletivos indígenas através do Programa Nacional de Formação de Professores o PARFOR, curso este que tem atendido indígenas localizados na região de Itarema.

Este curso tem proposto aos indígenas Tremembé estudar conteúdos dentro de sua realidade, crenças, costumes. As disciplinas ministradas ocorrem no momento a qual eles acham necessário e com a sequência didática na qual lhes é conveniente, algumas disciplinas são ministradas por professores que já trabalhavam no Ensino Superior do MITS e outras por eles próprios.



Repensar metodologias bem como (re)organização curricular parece que agora é uma tarefa da UVA, o rompimento epistemológico também já houve no reconhecimento da cultura indígena, na implantação do curso. Mas, o que se percebe é que este foi proposto quase que em um mesmo pensamento colonialista fundados nos mesmos padrões de ensino, currículo e visão que precisa ser mais emancipatória e libertadora dos padrões de racionalidade da universidade, mas a questão é qual é a melhor forma de fazer?. Este não tem sido um processo fácil, principalmente pela coordenação que está responsável pelo curso. Pensa-se que a concepção de docência principalmente no que diz respeito a formação do professor indígena que a Universidade deve adotar, não deve ser meramente técnica, mas passar longe do conservadorismo e do autoritarismo em geral. Impor modelos de epistemologias bem como curricularizar conteúdos também pode ser um modelo improdutivo.

Perceber o crescimento da Universidade UVA em reconhecer a cultura indígena Tremembé em atendimento destes indígenas por intermédio do curso intercultural Cuiamba pelo PARFOR juntamente com seus valores e crenças foi um importante avanço dentro da Universidade, mas, é preciso que esta possa dar maior visibilidade a estes novos professores e povos que fazem parte de nossa sociedade rompendo paradigmas que ditam como eles devem atuar, pensar e até mesmo existir.

É por isso que se deve vigiar sobre o processo dialógico do professor indígena com sua comunidade e com a Universidade, este é fator importante que vale ressaltar, pois o modelo colonialista induz a perda cultural e de valores nos seus próprios modos de vida:

Mesmo em situações de opressão, entre professores ainda se mantém uma relação dialógica Tremembé, porém que se perde, em certa medida, na entrada deles nos papéis de ser professores... Exemplo: vigiar para não “pescar”; impor que dancem o Torém; falar sem dialogar com estudantes. Isso dentre outras atitudes que denotam a incorporação dos valores sociais hegemônicos, fragilizando a dialogicidade. “(TREMembÉ p. 05, 2015)

Portanto, para a educação Superior Indígena principalmente a que é proporcionada pelo Programa PARFOR é preciso não impor modelo pré-estabelecido colonizado pelas universidades, mas um modelo que o próprio coletivo seja ele de que categoria for achar melhor e mais necessário e no momento certo.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS



A universidade tem um papel fundamental na superação das muitas questões sociais que têm adoecido e até mesmo enfraquecido as pessoas enquanto sociedade. Por isso, é preciso que a gestão dos cursos de graduação e ou pós-graduação sejam bem desenvolvidas na contextualização curricular. Essas coordenações têm sido desafiadas no enfrentamento de enfermidades que assolam as comunidades não somente indígenas, mas quilombolas, ciganas, extrativistas, pescadores artesanais, comunidades de terreiro, ribeirinhos e muitos outros coletivos distribuídos em nosso país que são invisíveis pela sociedade visível (SANTOS, 2007).

Há na Universidade esperança da mudança no processo de inclusão desses coletivos dando-os mais visibilidade e protagonismo num processo gradativo de inclusão, interculturalidade e inovação pedagógica. Assim, não é apenas oportunizar a escolaridade, formação profissional, reconhecer determinado coletivo, mas sobretudo, acessibilidade universitária, reconhecimento social e principalmente apoio pedagógico e da gestão universitária para dentro de seu coletivo ou até mesmo fora dele para que estes possam lidar com as situações diversas que possam lhes sobrevir.

Portanto, a Universidade enquanto instituição social precisa se preparar para uma maior abrangência social que envolvam maiores temáticas: sociais, culturais, educacionais e políticas numa abrangência que possa incluir a todos os coletivos possíveis numa gestão verdadeiramente inclusiva no Ensino Superior.

5 REFERÊNCIAS

CHAVES, Luiz G. M. **Trabalho e subsistência, Almofoala: aspectos da tecnologia e das relações de produção**. Rio de Janeiro: Museu Nacional, 1973. (Dissertação de Mestrado).

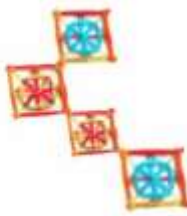
CANDAU, Vera Maria Ferrão & Russo, Kelly. **Interculturalidade e educação na América Latina: uma construção plural, original e complexa**. Rev. Diálogo Educ., Curitiba, v. 10, n. 29, p. 151-169, jan./abr. 2010.

CORREA, Edison José Correa. **Extensão Universitária, política institucional e inclusão social**. Revista Brasileira Extensão Universitária, v 1, n.1, p12-13, jul- dez 2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 25ª Edição, São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. São Paulo: LCT, 1989

GRUPIONI, Luis Donisete Benzi. **Formação de Professores Indígenas: repensando trajetórias**. Brasília, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2006



MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** 29 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

OLIVEIRA JR., Gerson Augusto de. **Torém: brincadeira dos índios velhos.** São Paulo: Annablume; Fortaleza: Secretaria da Cultura e Desportos, 1998

SANTOS, B.S; & FILHO, N.A. **A universidade no século XXI: para uma universidade nova.** Coimbra: Almediana Editora, 2008.

SANTOS, Boa Ventura de Souza. **Para além do Pensamento Abissal: Das linhas globais a uma ecologia de saberes.** Revista Crítica de Ciências Sociais, 78, Outubro 2007: 3-46

TREMembÉ, Vicente. **Projeto Pedagógico Uru da diversidade dos Saberes Tremembé.** Itarema, CE, 2015.

WALSH, Catherine (Ed.). **Pedagogías decoloniales: prácticas insurgentes de resistir, (re) existir y (re) vivir. Série Pensamiento decolonial.** Tomo I. Quito, Ecuador: Ediciones Abya-Yala, 2012.

<http://g1.globo.com/ceara/nosso-ceara/noticia/2013/04/tribo-tremembe-no-ceara-forma-1-turma-de-universidade-federal-do-ne.html>